

## Para desvelar a participação estadunidense no golpe civil-militar no Brasil

SANTOMAURO, Fernando. **A atuação política da agência de informação dos Estados Unidos no Brasil (1953-1964)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, 354 páginas. ISBN: 978-85-7983-705-0

João Paulo Gusmão P. Duarte<sup>1</sup>

Embora há muito se saiba da participação dos Estados Unidos (EUA) em golpes de Estado nas décadas de 1960 e 1970 em vários países latinoamericanos, o papel que a política externa estadunidense exerceu no Brasil nos desdobramentos do golpe de 1964 ainda chama muito a atenção de analistas de Relações Internacionais dedicados ao exame desse tema. E isso não é aleatório. Com a recente liberação de acesso à documentos oficiais de departamentos de governo dos Estados Unidos que atuaram naquele período, a dimensão do envolvimento do país na política brasileira se mostrou ainda mais determinante, motivando pesquisadores e estudiosos a se debruçarem sobre a difícil tarefa de evidenciar o apoio fundamental dos EUA no processo que resultou no golpe.

Essa disposição está presente em uma extensa pesquisa desenvolvida por Fernando Santomauro, publicada pela editora Cultura Acadêmica sob o título *A atuação política da agência de informação dos Estados Unidos no Brasil (1953-1964)*. Centrada no objetivo de demonstrar como o governo estadunidense, por meio da *United States Information Agency* (USIA), desenvolveu uma série de ações com o intuito de influenciar a política brasileira, a pesquisa de Santomauro evidenciou o intervencionismo dos EUA voltado para “evitar que o Brasil se tornasse uma nova Cuba”, no contexto da Guerra Fria. Tal fato é observado a partir da análise dos parâmetros da política externa estadunidense voltada para a América Latina entre 1953 e 1964, caracterizada majoritariamente, no

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Relações Internacionais pelo Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Email: joaopgpd@hotmail.com.

que diz respeito ao âmbito da USIA, por um engajamento que promoveu de campanhas publicitárias a pesquisas estatísticas, para assim reunir elementos que deram subsídios imprescindíveis à realização da intervenção civil-militar no Brasil.

O autor inicia o livro com um breve prólogo que remete o leitor aos dois dias anteriores ao golpe. Fazendo o relato dos acontecimentos políticos que precederam a intervenção civil-militar amparado por documentos do governo dos Estados Unidos, Santomauro demonstra o estreito acompanhamento das autoridades do país, incluindo o presidente Lyndon Johnson, aos desdobramentos do golpe que estava prestes a ocorrer. A descrição mostra como havia um grande aparato estratégico e militar dos EUA pronto para entrar em ação no caso de resistência ao golpe, e uma grande articulação do embaixador junto a importantes autoridades brasileiras, como o ex-presidente Juscelino Kubitschek. Paralelamente, o autor relata também a participação direta da USIA no processo, fazendo menção ao filme *Victory for democracy*, exibido poucos dias após o fatídico 1º de abril de 1964 como *trailer* nas salas de cinema das grandes cidades brasileiras. Segundo Santomauro, o filme, produzido em forma de documentário pela agência estadunidense, foi exibido totalmente em português, dando a impressão de ser uma produção nacional. Seu conteúdo teve um caráter publicitário, exaltando o povo brasileiro por ter realizado o grande feito de uma “revolução democrática” contra o avanço do “comunismo”, representado pelo governo de João Goulart.

Com esses dois elementos iniciais que conduzem o leitor ao cerne de seu objeto de análise, o autor introduz os três capítulos que estruturam o livro: *A formação da política de informação americana no exterior*, *A USIA no Brasil de 1953 a 1964*, e *O ocaso da USIA*. No primeiro capítulo são expostos os antecedentes das agências e departamentos de governo dos EUA criados para gerar informações do exterior, assim como difundir informações no exterior sobre os Estados Unidos. O resgate de procedências se concentra a partir do início do século XX, e relata primeiramente a formação de um comitê governamental, durante a presidência de Woodrow Wilson, responsável por difundir em diversos países o chamado *American way of life*. Tal política, segundo Santomauro, já teria tido importantes resultados ao longo da Primeira Guerra Mundial, momento em que os EUA se afirmavam como nova potência mundial. Na segunda etapa, o autor expõe a articulação de agências de informação na década de 1930 e o aparato montado durante a Segunda Guerra Mundial, demonstrando, por exemplo, a função do Birô, uma agência vinculada ao Departamento de Estado responsável por gerar informação e articular interesses dos EUA na América Latina. O capítulo aborda ainda a adaptação que tais

agências sofreram no pós Segunda Guerra Mundial, quando alguns objetivos estratégicos de política externa dos EUA se redimensionaram, dado a configuração da Guerra Fria. Nesse contexto, o autor expõe as ações durante os governos de Harry Truman e Dwight Eisenhower, para então relatar a formação da USIA, em 1953. Nesse ponto, várias ações da agência são expostas, demonstrando o esforço central de combate ao comunismo. Encerrando a primeira parte do livro, Santomauro apresenta a reestruturação que a USIA sofreria ao longo do governo John Kennedy, que, segundo o autor, levou ao período de auge de funcionamento da agência.

No segundo capítulo, o livro aborda a atuação da USIA no Brasil até o ano 1964, data do golpe. Considerado um país de grande relevância estratégica por ser o principal agente estatal da América Latina, o autor mostra como o Brasil é visto como um ponto chave para os interesses da política externa estadunidense, a partir daquele momento empenhada em resgatar o alinhamento conquistado durante a Segunda Guerra Mundial. Na primeira seção, Santomauro expõe as ações de pesquisa e estatística realizada pela USIA com o intuito de mapear informações sobre a opinião pública brasileira, assim como reunir dados que orientassem o governo estadunidense sobre as alterações socioeconômicas pelas quais o Brasil estava passando, em razão da expansão industrial e do crescimento dos centros urbanos. Nesse processo, estava incluso também avaliações periódicas sobre a política e os políticos brasileiros, sobretudo após o ano de 1959, data da Revolução Cubana, que mostraria aos EUA a real possibilidade de demais países do continente americano se tornarem comunistas, e, desse modo, saírem de seu raio de influência. Em seguida, o autor relata a estrutura funcional da agência, instalada em consulados e diversos postos nas principais cidades brasileiras, da região norte à região sul. Tal circunstância teria possibilitado que a agência atuasse de maneira regular, nos primeiros anos da década de 1960, no controle e influência dos conteúdos publicados em jornais, revistas e demais meios de comunicação no Brasil, fator avaliado na última seção do capítulo como decisivo para a legitimação do processo de deposição do governo Jango, que culminaria na instauração da ditadura civil-militar.

No terceiro e último capítulo, Santomauro faz uma reflexão conclusiva apontando o ocaso da USIA, que apesar de oficialmente só ter encerrado suas atividades em 1999, a partir do final da década de 1960, e sobretudo a partir da década de 1970, passaria a ter uma menor importância na produção e veiculação de informações, assim como perderia credibilidade no exterior em razão da crise de reputação dos EUA gerada pela Guerra do Vietnã. Apesar dessa constatação, o autor indica que os efeitos políticos produzidos

pela USIA no Brasil ficariam marcados por muitos anos, não apenas pela sua decisiva participação – ainda que indireta – no golpe de 1964, mas por ter conseguido introduzir, em diversos aspectos da vida política, social e cultural brasileira, alguns dos chamados “valores americanos”. Essa assertiva poderia ser vista na configuração das instituições do Brasil, na organização do pensamento político brasileiro, na orientação das diretrizes dos agentes comunicacionais, e em circunstância mais sutis, mas não menos importantes, como a difusão do ensino do inglês. Para Santomauro, todos esses aspectos teriam gerado certa naturalização de processos de influência externa dos EUA no cotidiano brasileiro, tendo o efeito de produzir ganhos políticos ao país em suas relações internacionais, que viriam a se confirmar como extremamente positivos a partir da década de 1990, quando os Estados Unidos despontam como potência unipolar e controladora quase incontestada da América Latina.

Nesse sentido, o livro apresenta e explicita o alcance de uma dimensão da política externa estadunidense muitas vezes difícil de ser mensurada, isto é, a dimensão daquilo que ficou conhecido nos estudos de Relações Internacionais como *soft power*, um poder capaz de produzir ganhos políticos por meio da transferência de valores. Diante de tal constatação, o autor aponta a necessidade de o Brasil criar mecanismos capazes de frearem a recepção automática de políticas culturais estrangeiras provenientes dos grandes centros e usadas como instrumentos de poder, e, ao mesmo tempo, de passar a produzir referenciais ativos de política externa, que projetem o país internacionalmente não só nos tradicionais circuitos geopolíticos, mas também direcionado às chamadas periferias globais.